

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano Crônica 17– junho, 2015

COM OU SEM INTENÇÃO?

Ierecê Barbosa¹

Estava observando as crianças brincarem e estabelecerem as regras da brincadeira e fiquei refletindo sobre o juízo moral da criança, na perspectiva piagetiana. Ora, se você perguntar para uma criança quem é mais culpado, aquele que quebrou dez pratos sem querer ou aquele que quebrou um prato de propósito? A criança raciocina pela quantidade e fala sem titubear: o mais culpado é quem quebrou dez pratos. Sua resposta leva em conta o montante da quebra, típico da inteligência prática, desconsiderando, totalmente, a intencionalidade.

Muitas vezes, a questão da intencionalidade não é desconsiderada apenas pelas crianças. Nós, adultos, também julgamos a moral das pessoas do nosso convívio sem questionar o que as levou a agir deste ou daquele modo. Quando estamos feridos emocionalmente, passando por um período de insatisfação com a vida ou angústia existencial, temos a tendência de nos transformar em vítimas do mundo, julgando que todos agem intencionalmente de modo a nos prejudicar.

É comum quando estamos do lado de fora do conflito observar melhor a ausência da intencionalidade na ação de determinada pessoa. Ela age pensando em uma coisa ou em uma trajetória e tudo é interpretado de um modo totalmente inesperado. O juízo moral também é projetivo, muitas vezes a maldade não está na forma e nem no fato em si, mas no olhar do outro. Uma pessoa extremamente maldosa consegue ver maldade em tudo, não percebendo que o outro não teve a intenção de prejudicá-la com determinada ação.

Obviamente que há o “foi sem querer, querendo”, chavão do saudoso e querido Chaves, com seu humor atrapalhado, irreverente e sadio, mas aí a intencionalidade se faz presente, é o que chamamos de “João sem braço”, ofendemos o outro e depois tiramos uma onda de inocentes.

A pessoa irônica faz isso a toda hora, costuma ofender, mas ao ser questionada pelo ofendido recua e diz que não teve tal intenção. Geralmente, a ironia anda de mãos dadas com o orgulho, a soberba e o sentimento de superioridade. O certo é que todo o sentimento de superioridade camufla o de inferioridade. Ou seja, acaba funcionando como um mecanismo de defesa da personalidade.

Há palavras e frases que cortam como cacos de vidros, saem rasgando tudo por dentro, na maioria das vezes são curtas, entretanto fazem um estrago bem maior do que se usássemos trinta mil caracteres em um texto longo. Aí, retorno a questão do juízo moral: quem ofendeu mais, aquele que usou um texto longo sem a intenção de ofender ou aquele que solta aqui e ali frases curtas, cortantes, com a intencionalidade exposta claramente ou encoberta pela ironia?

A intencionalidade é tudo, quando se trata de moralidade. É ela que vai permitir a escolha certa dos pesos que serão colocados na balança. Se você atropelou alguém sem querer,

¹ Doutora em Educação, Jornalista, Psicanalista Clínica e Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia – PPGEEC/ ENS/ UEA. Email: ierecebarbosa@yahoo.com.br

Comunicação Científica & Lentes do Cotidiano

Crônica 17– junho, 2015

e a pessoa veio a óbito, ficará claro para a justiça que você não teve a intenção de matar. Mas se você atropelou de propósito, aí a intencionalidade fica bem explícita. A diferença entre o crime doloso e o culposo está justamente na intencionalidade. Muitos acidentes ocorrem com pessoas que brincam ou fazem limpezas em armas que disparam e atingem alguém. O que vai esclarecer a intencionalidade é a narrativa de como o acidente ocorreu. Analisar o contexto é fundamental para saber se houve ou não intenção por parte do suposto agressor em ferir o outro.

Potencializar os resultados não vai mudar em nada o ocorrido. A pessoa que morreu não voltará a viver, mas julgar a intencionalidade é necessário para minimizar conflitos e dores reais ou imaginárias. Sim, porque por mais que a justiça declare que o autor daquela ação é inocente, fica sempre o sentimento de culpa e conviver com a culpa não é nada fácil, a pessoa fica se perguntando **e se? E se** eu tivesse agido de outra forma? **E se** eu não tivesse deixado a arma ao alcance das crianças? **E se** eu não agisse por impulso? **E se** eu tivesse, pelo menos, pedido desculpas ou perdão? **E se** eu não tivesse deixado o orgulho tomar conta de mim? Não há como retroagir. O passado não volta.

Às vezes, levamos anos da vida da gente para perceber que o outro não era nosso inimigo e que nunca quis nos fazer mal, apenas as contingências da vida geraram um turbilhão de emoções e ele se perdeu ali, praticando inúmeras ações, levado por fatores que nem Freud explica, mas sem a intencionalidade de ferir qualquer pessoa. Entretanto, se é verdade que nada acontece por acaso, podemos fazer outros questionamentos: por que eu? Qual minha missão nessa engrenagem existencial? O que posso aprender com isso tudo? Afinal, tanto o amor quanto a dor podem ser caminhos para o nosso processo evolutivo. Por uma via ou outra, penso que devemos deixar o passado passar e “abrir a porta da alegria” e deixar uma nova forma de viver entrar. Mas para que isso ocorra, a intencionalidade deve estar bem presente.